

Panorama**Dezembro-2017**

O terceiro trimestre deste ano apontou recuperação tanto do PIB Nacional quanto do Estado de São Paulo. Ao que tudo indica, 2017 deve marcar o fim do ciclo recessivo da economia que enfrentamos desde meados de 2014.

Neste ambiente, a economia do Grande ABC tem apresentado melhora no fluxo de exportações, no saldo da geração de empregos, na produção do setor automotivo e atraído investimentos. Entretanto, a economia do Grande ABC voltará a apresentar crescimento em 2017?

Melhora no mercado de Trabalho

Após quatro anos, há grandes chances de o Grande ABC terminar 2017 com saldo positivo na geração de empregos formais, segundo dados do CAGED. Dados estes que reforçam a perspectiva de que o período mais crítico da retração econômica já passou, embora tenhamos que caminhar muito para recuperar os mais de 80 mil postos formais de trabalho fechados.

Destaques desta Edição

<i>Panorama Econômico:</i>	<i>p.02</i>
<i>Movimentação Financeira:</i>	<i>p.04</i>
<i>Inflação:</i>	<i>p.06</i>
<i>Mercado de Trabalho:</i>	<i>p.08</i>
<i>Comércio Exterior</i>	<i>p.10</i>
<i>Opinião:</i>	<i>p.12</i>

Apesar da perspectiva de melhora na trajetória do PIB, do saldo positivo na geração de empregos formais, da melhora no saldo de comércio exterior, da redução da inflação e taxa básica de juros, as contas públicas continuam sendo o principal desafio para estabelecer maior solidez às condicionantes macroeconômicas.

Neste 2017 presenciou-se a redução das receitas e o aumento das despesas públicas. Neste contexto, além de reorganizar o sistema previdenciário, cujos efeitos se darão a longo prazo, é preciso reavaliar a efetividade das desonerações tributárias e das concessões de subsídios, melhorar a efetividade na alocação dos recursos públicos e prezar pela boa gestão dos serviços públicos.

Prof. Ms. Sandro Renato Maskio

Panorama Econômico

Após os desastres provocados pelos furacões Irma e Harvey que atingiram Texas e Flórida, com danos que podem chegar a 290 bilhões de dólares, a divulgação do desempenho do PIB dos EUA, que cresceu 3% no terceiro trimestre do ano comparado ao semestre anterior, surpreendeu os analistas, que previam elevação de 2,6%. O PIB foi puxado principalmente pelo consumo de bens duráveis e investimento em capital fixo, que aumentaram 8,3% e 6% respectivamente. A combinação entre expansão do consumo e dos investimentos produtivos, reduzindo o desemprego, ainda que sem pressionar de forma intensa a inflação na era Trump, fez o FED sinalizar ao mercado neste dezembro que existem grandes possibilidades de novo aumento na taxa de juros - atualmente em 1,25% a.a., após dois aumentos realizados em 2017.

Tal medida traduz a expectativa de que, no médio prazo, a diminuição do desemprego acabe pressionando levemente a inflação, que acumulou 2,04% até outubro de 2017. O leve aumento da inflação observado no terceiro trimestre ocorreu especialmente em função dos efeitos decorrentes dos furacões sobre a produção de petróleo e energia elétrica dos EUA. O desemprego também segue caindo fortemente, ficando em 4,1% em outubro, mês em que foram criadas 280 mil novas vagas, acima das expectativas que eram de 180 mil.

Para o 4º trimestre as atenções estão voltadas ao possível aumento da taxa de juros, que pode já estar precificada pelo mercado, mas ainda assim pode causar aumento de volatilidade nos ativos. Também

é de se esperar que o 4º trimestre apresente novo aumento do PIB decorrente dos gastos, tanto do governo quando da população, para a reconstrução de algumas cidades destruídas em agosto e setembro pelos furacões.

A recuperação econômica na Zona do Euro vem ganhando robustez, ainda que em alguns países a taxa de desemprego se mantenha elevada. O Banco Central Europeu afirma que a economia local está crescendo solidificada, especialmente em fundamentos internos, ainda que fatores externos ajudem o conglomerado como um todo.

Possivelmente o Banco Central Europeu irá continuar comprando títulos, prosseguindo com o afrouxamento monetário, que representa no médio prazo a prática de juros mais baixos e crédito barato - ainda que isso possa se alterar caso aconteça algum choque inesperado.

No 3º trimestre a economia da Zona do Euro expandiu 0,6% frente ao trimestre anterior, sendo o crescimento acumulado até o terceiro trimestre de 2017 de 2,3%.

A Alemanha cresceu 0,8% no 3º trimestre comparado com o trimestre anterior, puxado pelo aumento nas exportações e na formação bruta de capital. A taxa de desemprego se manteve estável em 3,6%.

Portugal e Itália, entre os países da Zona do Euro que mais sofreram com a crise nos últimos anos, apresentaram crescimento de 0,5% em relação ao trimestre anterior, com taxa de desemprego de 8,5% e 11,5%, respectivamente. A expectativa é que esse movimento de recuperação da economia e redução do desemprego continue para o 4º trimestre e para o próximo ano.

A Inglaterra, fora da Zona do Euro mas ainda na União Europeia, elevou a taxa de juros de 0,25% para 0,5%. As atenções estão voltadas para uma inflação que começa a incomodar, decorrente de desvalorização da libra frente ao euro desde o anúncio do Brexit.

O PIB no Reino Unido cresceu 0,4% em relação ao trimestre anterior e a taxa de desemprego reduziu-se fortemente desde o começo do ano, ficando estável em 4,3%.

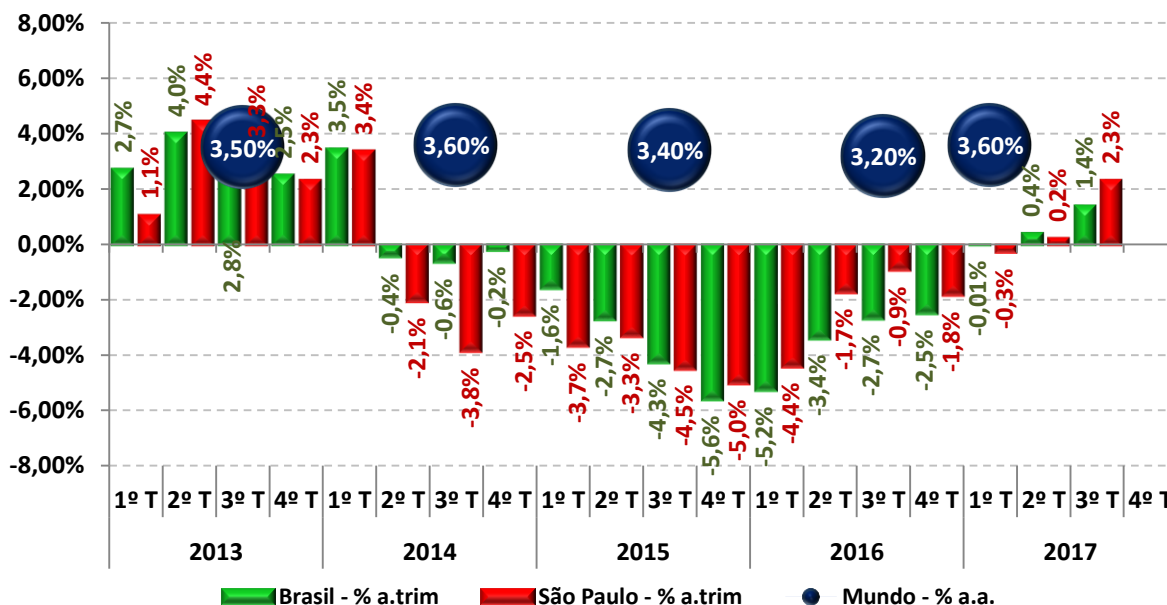
Na Ásia, a China de Xi Jinping, juntamente com a cúpula do governo comunista, definiu em sua reunião quinzenal manter-se no poder por mais cinco anos. O PIB da China cresceu 6,8% no terceiro semestre

do ano, corroborado pelo desenvolvimento do parque industrial. A produção industrial cresceu 6,6% em setembro na comparação com o mesmo período do ano anterior, a formação bruta de capital no período janeiro-setembro expandiu 7,5% e as vendas no varejo somaram alta de 10,3% em comparação com o ano anterior.

No Brasil o PIB do 3º trimestre apresentou crescimento de 0,1% em relação ao trimestre anterior. No acumulado do ano, a variação é de 0,6%, o que levou analistas a melhorarem a expectativa em relação ao desempenho do PIB brasileiro em 2017, que tende a marcar o fim do ciclo recessivo iniciado em 2014.

Crescimento Trimestral do PIB (%)

(comparado a igual período do ano anterior)



Fonte: IBGE, SEADE, FMI

Dentre os indicadores que refletem a melhora do desempenho da economia brasileira estão a ampliação da produção industrial (+1,9% até

outubro), o aumento do volume de comércio (1,33% até setembro), redução do volume de desemprego ainda que em ritmo lento (12,4% no terceiro

trimestre) e melhora dos saldos de geração de empregos formais.

Com a significativa queda de inflação, que acumula 2,8% entre janeiro e novembro exaurida pelo próprio ciclo de recessão, o Banco Central reduziu a taxa básica de juros para 7% a.a., o menor patamar registrado até hoje.

Ao mesmo tempo, o desafio de reequilibrar as contas públicas continua se mostrando um desafio ao governo, que investe todas as forças políticas na reforma da Previdência neste momento. Esse desafio deverá perdurar para os próximos anos e será importante ponto de discussão entre os presidenciáveis em 2018.

A economia do Estado de São Paulo também apresentou significativa melhora nos dois últimos trimestres, quando a produção industrial aumentou 2,5% no acumulado janeiro-outubro de 2017. Não obstante, a economia do Grande ABC também apresenta alguns indicadores favoráveis, como a melhora no saldo de geração de empregos, a ampliação do saldo da balança comercial e a retomada da produção industrial em setores importantes na região, como as automobilísticas.

Movimentação Financeira

Embora o índice de inflação, acumulado em 2,8% nos 12 meses encerrados em novembro, esteja abaixo do piso da meta estabelecido pelo COPOM, que é de 3% a.a, no intervalo entre setembro e

novembro a inflação acumulada em 12 meses apontou crescimento contínuo, o que não ocorria desde dezembro de 2015.

Este comportamento revela, de um lado, a ampliação da rigidez da trajetória de queda da inflação, estando próximo do seu limite inferior para as condições apresentadas pela economia brasileira. De outro lado, expõe a neutralização, ainda que pequena, do efeito da retração da atividade produtiva sobre o nível de preços, haja vista a retomada do fluxo de comércio e de produção.

De qualquer forma, o baixo nível de inflação levou o Banco Central a reduzir a taxa básica de juros para 7%a.a, a menor da série histórica. Com isso, tenderá a ocorrer diminuição do custo de endividamento do setor público, que assistiu seu estoque de dívida aumentar para mais de R\$ 3,2 trilhões nos últimos anos.

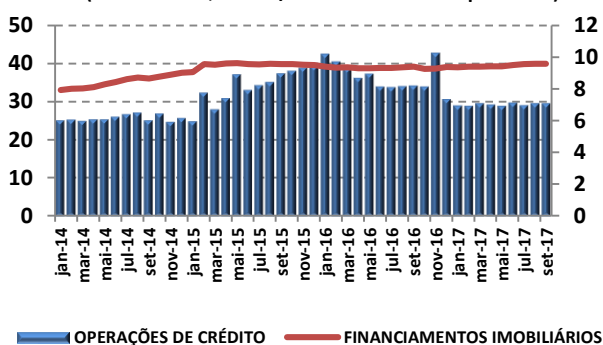
A redução da taxa básica de juros observada desde meados de 2016 tem provocado redução bastante leve nas taxas de juros dos mecanismos de crédito às empresas e pessoas físicas. Mesmo assim, os juros aos consumidores continuam muito elevados no País, tendo apresentado média de 323% a.a. no cheque especial e 337% a.a. no rotativo do cartão de crédito em outubro último. Embora em um nível bastante inferior, as taxas de juros às pessoas jurídicas atingiram 23,26% a.a., significativamente menor que os 30,3%a.a apresentados em outubro de 2016, mas ainda assim bastante elevadas para o setor produtivo.

No acumulado janeiro-outubro comparado a igual período de 2016, o total de concessões de crédito com recursos livres junto às pessoas jurídicas

apresentou queda real de 6,41%, enquanto junto às pessoas físicas aumentou 4,98%.

No Grande ABC, nos três primeiros trimestres deste ano, o volume de operações de crédito diminuiu 20,4%, somando pouco mais de R\$ 29,6 bilhões. As operações de financiamento imobiliário cresceram levemente, 1,38%.

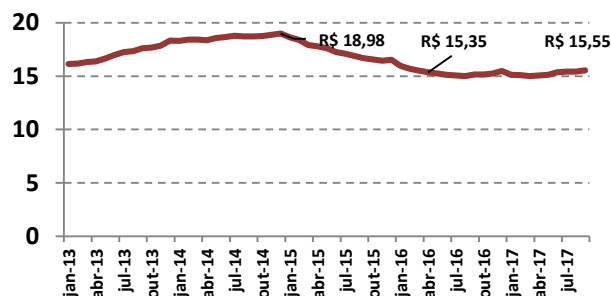
Operações de Crédito no Grande ABC
(milhões de R\$ de out/2017 - deflacionado pelo IPCA)



Fonte: Banco Central

Após trajetória de queda entre 2014 e 2016, o volume de depósitos de poupança no Grande ABC aumentou de R\$ 15,13 bilhões para R\$ 15,55 bilhões, entre os meses de setembro de 2017 e de 2016.

Depósitos em Poupança no Grande ABC
(milhões de R\$ de out/2017 - deflacionado pelo IPCA)



Fonte: Banco Central

No cenário nacional, explicado pela pequena melhora no volume de concessão de crédito às pessoas físicas, na interrupção da elevação do desemprego e na estabilização da massa de renda na economia, observa-se uma melhora na trajetória da atividade comercial.

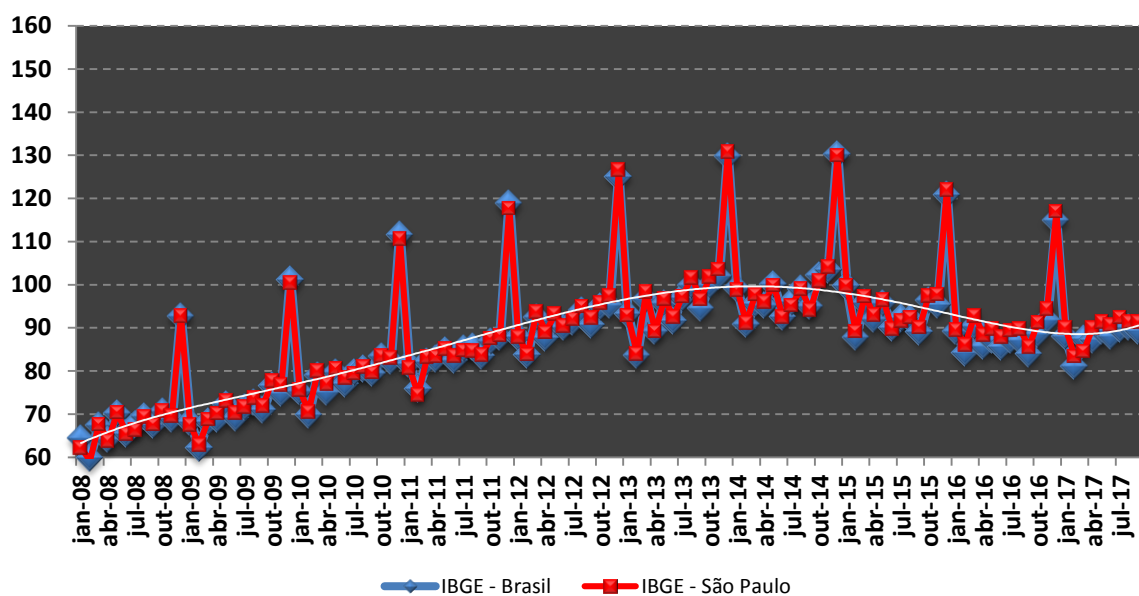
Nos últimos 12 meses encerrados em setembro, a atividade comercial aumentou 1,33%. No Estado de São Paulo, no mesmo período, a atividade comercial aumentou 0,78%, segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC/IBGE).

A pequena melhora da atividade comercial está em consonância com a trajetória do setor industrial. No acumulado até outubro deste ano a produção física da indústria no País aumentou 1,9%.

No Estado de São Paulo, a produção física da indústria aumentou 2,5% no mesmo período. Assim como a atividade comercial, os indicadores de produção industrial também sugerem que estamos no fim do ciclo recessivo da atividade econômica.

Atividade Comercial

(média de 2014 = 100)



Fonte: IBGE

Inflação

Após 19 meses, a inflação acumulada em 12 meses voltou a apresentar sequência de três elevações seguidas entre setembro e novembro deste ano. Mesmos assim, a inflação acumulada nos últimos 12 meses encerrados em novembro registra alta de 2,8%, abaixo da meta estabelecida pelo Conselho de Política Monetária.

Apesar da mudança de trajetória observada na inflação, a expectativa do mercado, publicada semanalmente no relatório Focus do Banco Central, é de que a taxa de 2017 feche com variação de 3,03%, inferior à expectativa apontada pelo mercado em agosto.

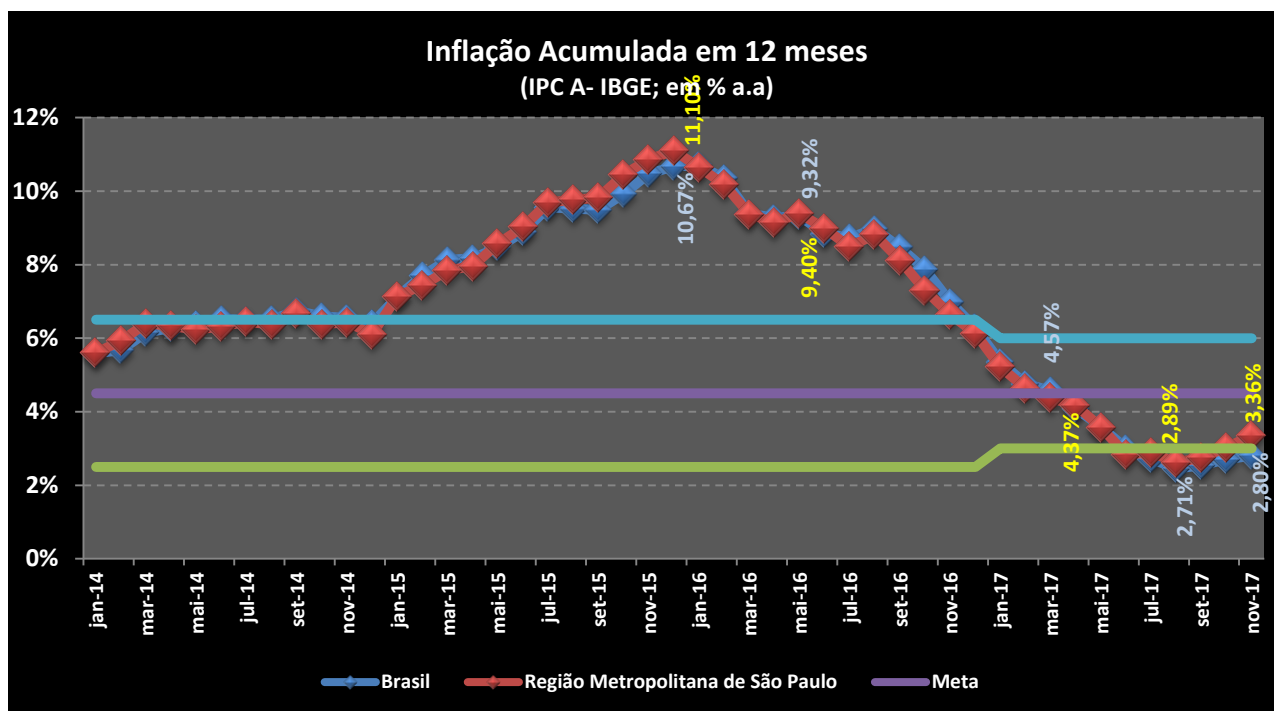
Ao analisar a composição do índice de inflação (IPCA), verifica-se que nos 12 meses encerrados em novembro os maiores aumentos nos preços foram nos grupos de saúde (+6,61%), educação (+7,02%) e habitação (+6,05%). Estes três grupos respondem por pouco mais de 37% do IPCA.

A recente elevação da inflação acumulada em 12 meses de 2,46% para 2,80% pode indicar elevação da rigidez para novas diminuições da variação da taxa, abaixo das observadas nestes últimos meses. Contribuem para tanto os diversos preços administrados, como gasolina, energia elétrica, medicamentos, reajustes dos planos de saúde e alguns outros. Junto a estes há também diversos preços indexados, como os contratos de

aluguéis, financiamento imobiliário, entre outros, que dificultam a redução do índice de inflação.

Diante disso, os esforços de contenção da inflação via política monetária, com a prática de juros reais elevados e controle sobre a expansão do crédito, impactam mais intensamente os preços “livres” da economia.

Mesmo com a redução da Selic a 7% a.a realizada na primeira semana de dezembro, a taxa básica real de juros é de cerca de 4% a.a, não muito diferente da que se observa no último ano no Brasil.



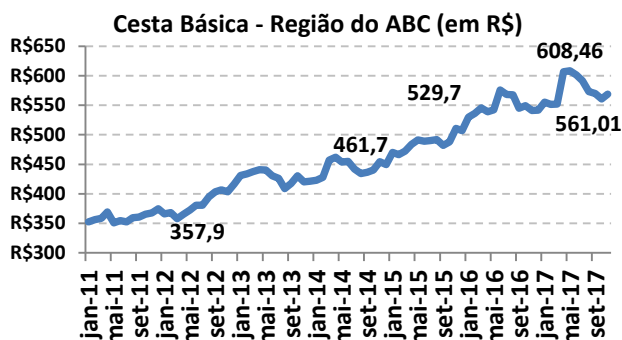
Fonte: IBGE

Na Região Metropolitana de São Paulo a inflação acumulada em 12 meses pelo IPCA em novembro foi de 3,36%. Assim como no plano nacional, os grupos que apresentaram as maiores elevações de preço foram saúde, educação, cuidados pessoais e habitação.

Especificamente o grupo alimentação, nos 12 meses encerrados em novembro, apresentou ligeira queda nos preços de aproximadamente 2,32%

no plano nacional e de 1,11% na Região Metropolitana de São Paulo

No Grande ABC, conforme o gráfico a seguir, após atingir preço recorde, a cesta básica apresentou trajetória de redução após abril.



Fonte: CRAISA

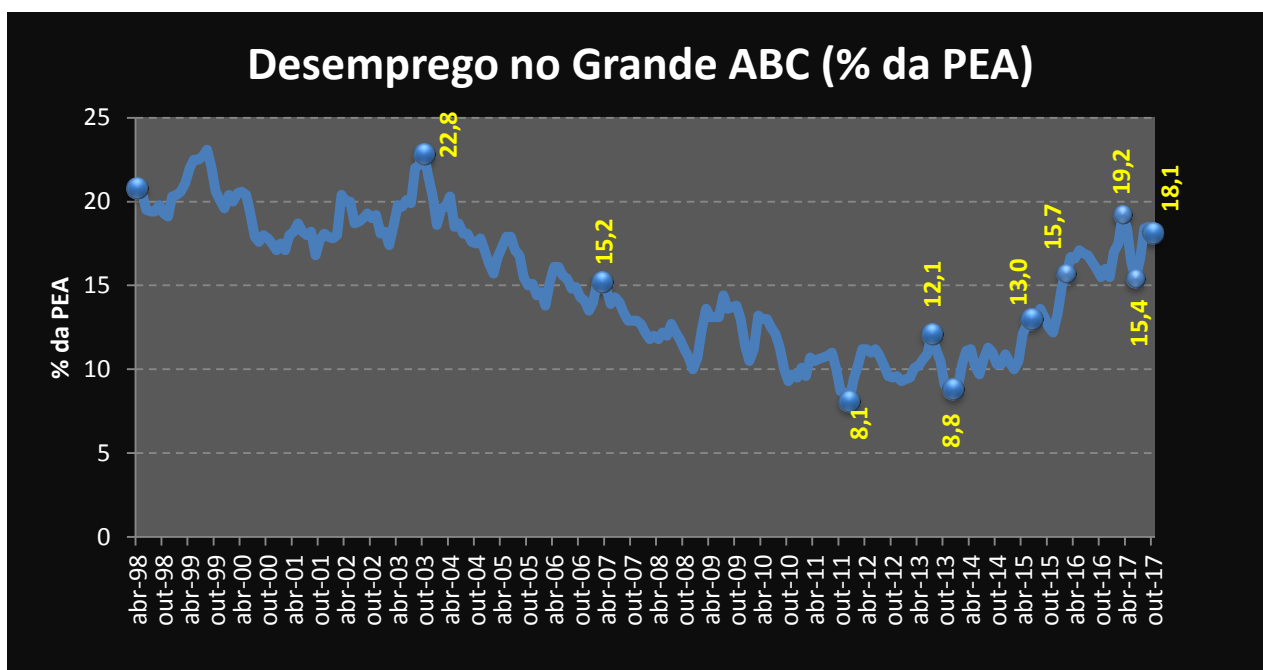
Em novembro último o valor da cesta básica local foi de R\$ 568,85, após atingir R\$ 608,50 em maio, o maior preço da série apurada pela CRAISA, refletindo pontualmente o impacto recente da

variação de preços de produtos básicos na renda das famílias da região.

Mercado de Trabalho

O 3º trimestre deste ano presenciou a elevação da taxa de desemprego no Grande ABC, neutralizando em grande parte a redução obtida no segundo semestre do ano. Em outubro o desemprego registrado pelo SEADE/DIEESE foi de 18,1% da PEA, bastante elevada, como pode ser observada no gráfico a seguir.

A redução da taxa observada entre agosto de 2004 e dezembro de 2011, de 18,1% para 8,1% da PEA, foi perdida no período seguinte, no intervalo de aproximadamente seis anos até outubro de 2017.

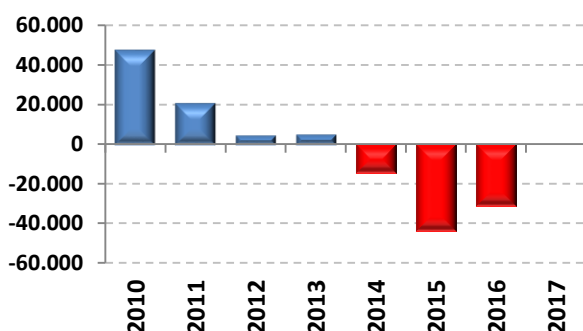


Fonte: SEADE / DIEESE

Embora demandaremos alguns anos para voltar a apresentar taxa de desemprego semelhante aos 8,1% observados em 2011, condicionada a um período de sustentável trajetória de expansão da atividade econômica, alguns dados de curtíssimo prazo são ao menos acalentadores.

Entre estes está a melhora no saldo de geração de empregos formais na região, o que é claro sinal de melhora na atividade econômica, com reflexos sobre o mercado de trabalho. O gráfico a seguir mostra que os anos de 2014 a 2016 foram péssimos para o mercado de trabalho local, quando foram perdidos mais de 80 mil postos formais. Já 2017, até outubro, apresenta saldo negativo de 194 postos formais de trabalho, mas há grandes possibilidades de o ano fechar com saldo positivo, o que denota situação bastante melhor no mercado de trabalho.

Saldo de Geração de Postos Formais de Trabalho



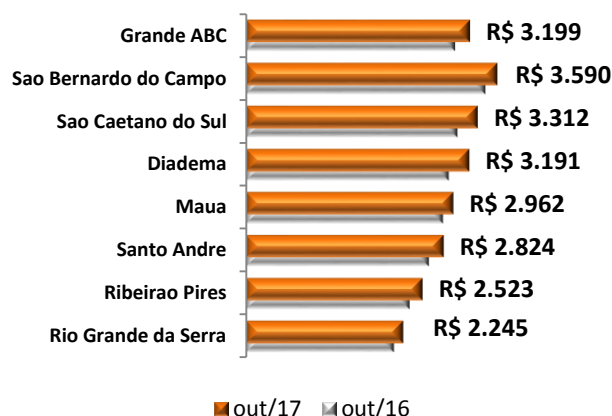
Fonte: RAIS/CAGED – MTb

Comparando a massa de salários pagos no mercado formal da região em outubro de 2017 a igual mês de 2016, houve queda de 0,5% em termos reais

(deflacionados pelo IPCA), reflexo em especial da “manutenção” do volume de empregos formais.

Comparado ao ano anterior, observamos que os salários médios apresentaram pequeno aumento, promovidos tanto pelos reajustes quanto pelo impacto heterogêneo da variação de postos de trabalhos em diferentes setores e categorias profissionais.

Renda do Emprego Formal por Município Grande ABC - out de 2017



Fonte: RAIS/CAGED – MTb, deflacionados pelo IPCA.

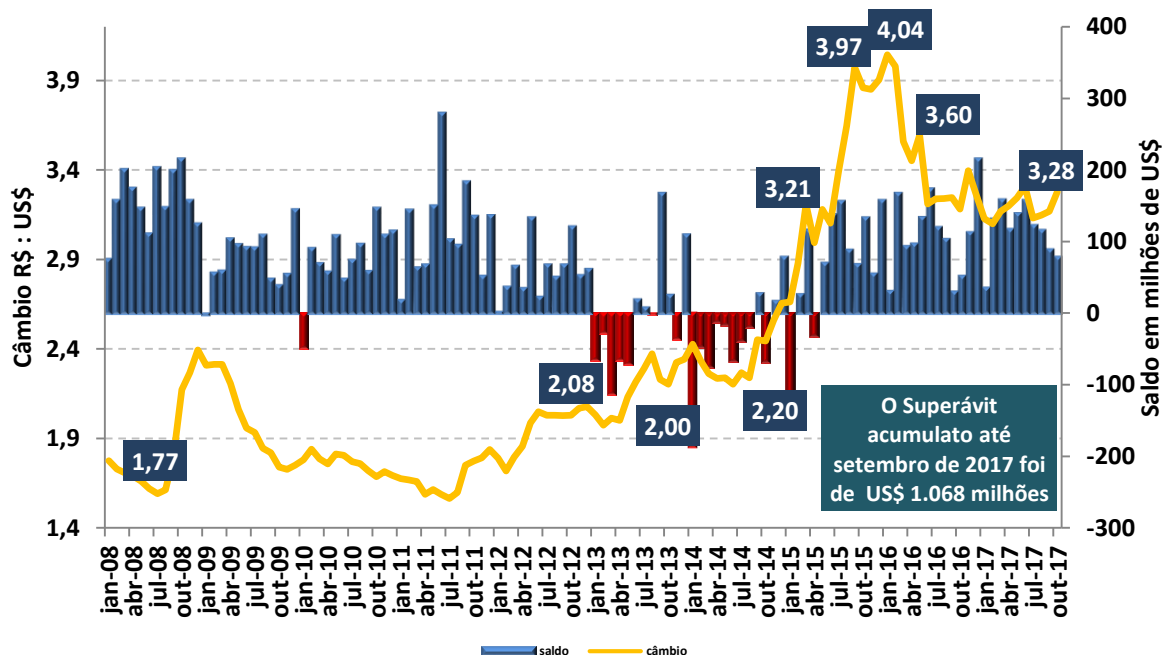
O anúncio de investimentos no Grande ABC, que somam mais de R\$ 7 bilhões até o início da próxima década, reflete a aposta do setor produtivo nas potencialidades da região. Os aportes deverão trazer novo impulso à economia local. Muito provavelmente veremos nos próximos anos um comportamento mais positivo do mercado de trabalho regional do que o vivenciado nos últimos quatro anos.

Comércio Exterior

O Grande ABC apresentou superávit de US\$ 1,160 bilhão na balança comercial entre janeiro e outubro, valor 15,74% maior do que o registrado no mesmo período do ano anterior. Este resultado se deu em meio ao crescimento da corrente de comércio exterior, com aumento de 20,03% nas exportações e 21,62% nas importações. O último trimestre (ago/set/out) de 2017 apresentou superávit de US\$ 284,277 milhões, um crescimento de 52,83% em relação ao mesmo trimestre do ano passado, que

advém do crescimento mais acentuado das exportações, de 31,47%, e 26,96% nas importações. O resultado tem sido influenciado, de um lado, pela flutuação do câmbio, que se mantém em nível consideravelmente favorável para os produtos do ABC paulista no mercado externo. Temos que considerar a modesta recuperação econômica da região, que apresenta crescimento da atividade produtiva, que por sua vez eleva a demanda por bens e insumos importados.

Saldo da Balança Comercial do Grande ABC - milhões de US\$



Fonte: MDIC

Por conta do leve crescimento da demanda no mercado interno, as importações se mantêm acima dos níveis de meados de 2015 e 2016. Em agosto o volume de importações foi o maior desde maio de 2015. Do outro lado, no último trimestre (ago/set/out)

o volume de exportações foi 6,75% menor que o trimestre anterior.

O empresário tem demonstrado otimismo e uma parcela da indústria da região tem elevado os investimentos em suas plantas, tornando-as mais sofisticadas e, por conseguinte, mais produtivas.

Composição do Comércio Exterior do Grande ABC

Ano/Mês	TOTAL	Básicos	Semi manufaturados	Industrializados		Operações Especiais
				Manufaturados	Total Industrializados	
2014	- 400.634.639	- 146.160.979	-177.825.793	-76.647.867	-254.473.660	0
jan set 2015	477.031.827	-76.177.645	-165.101.246	718.260.492	553.159.246	50.226
2015	824.111.683	-95.326.936	-202.488.643	1.121.873.742	919.385.099	53.520
jan set 2016	955.357.962	-51.685.066	-91.068.018	1.098.003.694	1.006.935.676	85.592
2016	1.335.956.850	-75.550.465	-124.985.065	1.536.339.726	1.411.354.661	89.064
jan set 2017	1.068.805.974	-62.302.166	-140.430.365	1.271.428.933	1.130.998.568	90.756

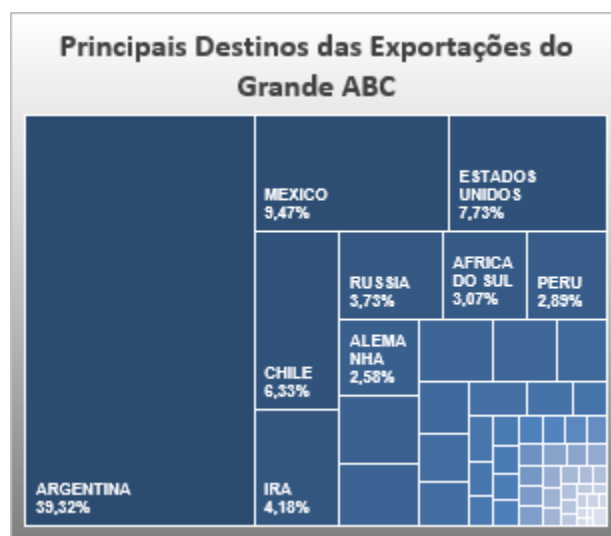
Fonte: MDIC

A tabela acima ilustra a composição do comércio exterior do Grande ABC. Analisando a balança comercial de forma mais detalhada, vemos que produtos manufaturados são os principais responsáveis pelo superávit de 2017 e dos dois anos anteriores. Somos dependentes das importações de produtos básicos e semimanufaturados, que apresentam déficits ao longo dos anos ilustrados na tabela. Entre os principais produtos exportados pela região em 2017 (janeiro–outubro) estão caminhões, tratores, automóveis de passageiros, chassis com motor, partes e acessórios para veículos. Juntos, esses produtos representam 60% das exportações da região.

Portanto, temos uma estrutura produtiva complexa no Grande ABC que envolve sofisticação econômica e mão de obra qualificada.

Analisando o *treemap* a seguir, podemos concluir que falta diversificação, também, no que tange a parceiros comerciais. Cerca de 80% das nossas exportações – janeiro a outubro de 2017 – estão concentradas nos nove principais compradores da

região. Com destaque para a Argentina, que está no topo da lista dos principais destinos dos nossos produtos, com 39,32% de participação.



Opinião

A economia do Grande ABC voltou a crescer?

Como pode ser verificado ao longo desta edição do Boletim EconomiABC, alguns indicadores apontam para o fim do ciclo econômico recessivo neste 2017.

De um lado porque os indicadores anuais de desempenho, quando comparados aos de 2016 e 2015, são confrontados com bases fracas. Ou seja, uma pequena melhora no ciclo da economia real acaba gerando indicadores favoráveis, o que não indica obviamente que foram superados todos os efeitos gerados pela retração recente da economia. De outro, os indicadores sobre volume de produção, comércio, exportações, emprego, entre outros, apontaram ocorrência de uma dinâmica econômica um pouco mais intensa que nos períodos anteriores.

Ainda é cedo para dizer quando iniciaremos uma retomada sustentável de fato, em que velocidade se dará e quanto tempo perdurará. Os indicadores do PIB brasileiro apontam crescimento no 2º e no 3º trimestre deste ano. No acumulado do ano o crescimento é de 0,6%. No Estado de São Paulo a situação é semelhante, com crescimento econômico nos dois últimos trimestres, apresentando no cumulado do ano alta de 0,8%.

Mas e o Grande ABC, voltou a apresentar crescimento econômico nos primeiros trimestres de 2017?

Diante do agravamento do crescimento econômico dos últimos anos e da necessidade de termos um indicador para acompanhar de forma mais frequente o PIB da região, o Observatório Econômico lançou o desafio de reformular o indicador IABC, criado há alguns anos para avaliar o desempenho anual do PIB da região com uma defasagem menor

de tempo, dado que o resultado oficial é publicado com mais de dois anos de defasagem.

O desafio era montar um indicador que possibilitasse avaliar o desempenho da economia local em intervalos de tempo semestrais, ou quiçá trimestrais.

Este desafio foi assumido por uma dupla de alunas formandas do curso de Economia da Metodista que se dedicaram a reformular o indicador IABC. A pesquisa desenvolvida pelas alunas em seu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) resultou, com sucesso, em nova estrutura metodológica para o indicador.

O resultado do indicador para o primeiro semestre de 2017, comparado com igual semestre de 2016, cujos resultados serão apresentados na próxima edição do Boletim EconomiABC, ainda aponta uma retração.

Entretanto, há indicadores que sugerem uma melhora do desempenho do PIB regional nos próximos períodos, a saber, a melhora no saldo de geração de emprego, no fluxo e no saldo de comércio exterior, além da retomada de alguns setores produtivos, como o automobilístico.

A nova metodologia do IABC possibilitará acompanhar em frequências menores a trajetória do PIB local e a verificação da hipótese de melhora nos próximos semestres.

Não obstante, sua construção por formandos do curso de Economia demonstra que a atuação do Observatório Econômico também tem atendido ao desafio de criar ambiente diferenciado de aprendizado, a partir do contato com questões econômicas e demandas analíticas reais.

Sandro Maskio – professor do Curso de Economia da UMESP

Jessica Costa – formanda do Curso de Economia da UMESP

Tayna Tanno – formanda do Curso de Economia da UMESP

As opiniões nesse artigo são de exclusiva responsabilidade do autor, não expressando necessariamente a posição do Observatório Econômico nem da Universidade Metodista de São Paulo. Quaisquer erros ou omissões nesse texto são de exclusiva responsabilidade do autor.



Universidade Metodista de São Paulo

Escola de Gestão e Direito

Curso de Ciências Econômicas

Observatório Econômico

Reitor

Dr. Paulo Borges Campos Júnior

Diretor da Escola de Gestão e Direito

Dr. Fúlvio Cristofoli

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Sílvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Me. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Dr. Moisés Pais dos Santos

Colaboradores

Grupo Sigma (Anderson Thiago, Ângelo Cesar,
Thiago Farias)



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-503

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)